

# Orquestra Sinfónica

## do Porto Casa da Música

Martin André direcção musical  
Marc Coppey violoncelo

5 Mai 2023 · 21:00 Sala Suggia



casa da música

MECENAS CASA DA MÚSICA



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



---

1ª PARTE

## **Francisco de Lacerda**

*Almourol* (1926; c.4min)

## **Edward Elgar**

Concerto para violoncelo e orquestra em Mi menor, op. 85 (1918-19; c.30min)

1. Adagio — Moderato —
2. Lento — Allegro molto
3. Adagio
4. Allegro, ma non troppo

---

2ª PARTE

## **Sergei Prokofieff**

Sinfonia n.º 7, em Dó sustenido maior, op. 131 (1952; c.35min)

1. Moderato
2. Allegretto — Allegro
3. Andante espressivo
4. Vivace

Na impossibilidade de contar com o maestro Michael Sanderling, por motivos de saúde, a Casa da Música agradece a Martin André a disponibilidade para assumir a direção musical do concerto.

## Francisco de Lacerda

ILHA DE S. JORGE, AÇORES, 11 DE MAIO DE 1869  
LISBOA, 18 DE JULHO DE 1934

### *Almourol*

“No domínio da direcção de orquestra, o açoriano Francisco de Lacerda foi o primeiro português que alcançou prestígio no estrangeiro”, escreve João de Freitas Branco na *História da Música Portuguesa*, em 1956. Efectivamente, a par de Guilhermina Suggia, Vianna da Motta, Francisco de Andrade e Helena de Sá e Costa, Francisco Inácio da Silveira de Sousa Pereira Forjaz de Lacerda foi um dos músicos nacionais que granjeou verdadeira reputação internacional. Toda a sua carreira musical como maestro foi desenvolvida em França e na Suíça, até 1913. A Primeira Grande Guerra força-o a uma estada nos Açores, na Ilha de S. Jorge, mas, entre 1925 e 1928, o músico português volta a dirigir em Montreux, Paris e Nantes.

Quando, em 1926, compõe o poema sinfónico *Almourol*, Francisco de Lacerda estava no auge da sua actividade profissional. Nesse mesmo ano, dirige em Nantes a *Paixão segundo S. Mateus* de Bach e mantém uma série de importantes e interessantes iniciativas em Lisboa, onde se havia fixado cinco anos antes, tais como as sessões musicais “Horas de Arte” e a “Pró-Arte”. Como compositor, a sua linguagem musical é marcada por um modernismo que só encontra paralelo na obra de Luís de Freitas Branco. Se praticamente toda a obra de Lacerda assenta no Impressionismo francês fortemente influenciado por Debussy (com quem o português travou uma sólida relação de amizade), não é menos verdade que a preocupação nacionalista está patente nas composições que datam do período em que o músico viveu em Lisboa (1921-1934).

A formação orquestral escolhida por Francisco de Lacerda para evocar o antigo castelo templário situado nas margens do rio Tejo é claramente impressionista, com 2 flautas, 2 oboés, 1 corne inglês, 2 clarinetes, 2 fagotes, 1 contrafagote, 4 trompas, 2 trompetes, 3 trombones, 1 tuba, tímpanos, percussão e 2 harpas, além das cordas. Em toda a obra perpassa uma atmosfera nostálgica e lúgubre, sustentada pelo *Assai lento* e por uma orquestração que logra um equilíbrio perfeito entre as sonoridades mais diáfanas e os *tutti* mais robustos.

Não há indicações precisas sobre a data de estreia da obra. Supõe-se que a primeira audição tenha sido em 1936, no Porto, no Teatro Rivoli, numa interpretação da Orquestra Sinfónica Nacional dirigida por Pedro de Freitas Branco. Por ocasião da comemoração dos 50 anos da morte do compositor, o poema sinfónico *Almourol* voltou a ser executado pela Orquestra Sinfónica da Radiodifusão Portuguesa sob a direcção de Silva Pereira, no Teatro de S. Carlos, em Maio de 1984.

ANA MARIA LIBERAL, 2010

## Edward Elgar

BROADHEATH (WORCESTER), 2 DE JUNHO DE 1857

WORCESTER, 23 DE FEVEREIRO DE 1934

### Concerto para violoncelo e orquestra em Mi menor, op. 85

O Concerto para violoncelo e orquestra em Mi menor de Edward Elgar é uma das obras-primas do repertório para violoncelo e é, também, a derradeira grande obra do compositor inglês. Foi escrito no final da Primeira Grande Guerra, numa época bastante fecunda para Elgar, durante a qual compôs a Sonata para violino em Mi menor op. 82 (1918), o Quarteto de cordas em Mi menor op. 83 (1918) e o Quinteto com piano em Lá menor op. 84 (1918-19). O falecimento da esposa, Alice, em 1920, mergulhou-o numa profunda depressão que prejudicou irreversivelmente a sua veia criativa a partir dessa data.

O tema do primeiro andamento do Concerto para violoncelo e orquestra em Mi menor foi escrito a 23 de Março de 1918, numa noite em que Edward Elgar regressou a casa depois de se ter submetido a uma intervenção cirúrgica às amígdalas. Após um hiato de cinco meses, voltaria a trabalhar no concerto, no Verão desse ano. Um ano mais tarde, em Agosto de 1919, a partitura completa chegava ao seu editor. A estreia da obra aconteceu a 27 de Outubro de 1919, no Queen's Hall, em Londres, com Felix Salmond como solista e Edward Elgar a dirigir a Orquestra Sinfónica de Londres. Mas revelou-se um fiasco porque Albert Coates, o maestro titular da orquestra, decidiu utilizar o tempo de ensaio destinado ao Concerto para ensaiar o *Poema do Êxtase* de Scriabin e a Sinfonia n.º 2 de Borodin. O crítico Ernest Newman escreveu no *The Observer*: “A orquestra era frequentemente inaudível e, quando se ouvia, ouvia-se

uma confusão. Ninguém parecia ter nenhuma ideia do que o compositor queria.” Elgar ficou devastado com o sucedido. Salmond imigrou para os Estados Unidos da América e não voltou a tocar o concerto em público.

Musicalmente, o Concerto para violoncelo e orquestra em Mi menor é uma obra intimista e pungente, um reflexo do enorme sofrimento e angústia que o compositor viveu durante os anos da Primeira Guerra Mundial. Edward Elgar confere o protagonismo ao solista, atribuindo-lhe o papel de narrador de todo esse sofrimento, cabendo à orquestra assumir o papel secundário, mas nem por isso menos importante, de suportar e apoiar o protagonista. O recitativo com que o violoncelo solo inicia a obra é um grito de revolta, um brado de indignação. O belíssimo tema do “Moderato” no primeiro andamento, apresentado pelas violas e logo a seguir repetido pelo solista, soa como um lamento resignado e impotente. Já os rapidíssimos movimentos ascendentes e descendentes cheios de notas repetidas, protagonizados pelo violoncelo solo no “Allegro molto”, demonstram inquietação e desassossego. É no breve “Adagio”, porém, que Elgar expõe toda a sua tristeza e melancolia através de uma ampla linha melódica interpretada pelo timbre expressivo e vibrante do violoncelo solo. O quarto e último andamento — “Allegro ma non troppo” — volta a abrir com um recitativo a cargo do solista que desemboca num tema vivo e assertivo desenvolvido na forma *rondó*, onde parece querer despontar uma ponta de alegria. Pertíssimo do final da obra, o violoncelo solo evoca o recitativo do primeiro andamento trazendo de novo a revolta e a indignação, mas a orquestra responde abruptamente com o tema vivo e assertivo dando por concluído o concerto.

ANA MARIA LIBERAL, 2017

## Sergei Prokofieff

SONTSOVKE (UCRÂNIA), 23 DE ABRIL DE 1891

NIKOLINA GORA (MOSCOVO), 5 DE MARÇO DE 1953

### Sinfonia n.º 7, em Dó sustenido maior, op. 131

A composição da 7.ª Sinfonia de Sergei Prokofieff, terminada apenas um ano antes da sua morte, derivou inicialmente de uma encomenda da Rádio de Moscovo. A encomenda destinava-se à criação de uma obra sinfónica adequada a crianças, mas Prokofieff acabou por levar a sua tarefa a um nível de complexidade distanciado da intenção original. As circunstâncias, no entanto, são reveladoras em relação ao contexto do compositor nesse período. Após os anos que se seguiram à Revolução de 1917 na Rússia, manteve uma carreira internacional de sucesso, centrada sobretudo na América do Norte e França, como compositor e pianista. Regressou à União Soviética em 1936, num período menos favorável da sua carreira nos países ocidentais, tendo em vista as encomendas das entidades oficiais da altura. O seu estilo de composição ritmado, energético, mas afastado das dissonâncias de algumas vanguardas europeias, não entrou inicialmente em conflito com os ideais do realismo socialista promovidos pelo regime. Mesmo assim, acabou por ser acusado de formalista e ter problemas com as autoridades soviéticas a partir de 1948, e o seu falecimento antes do desanuviamento que se seguiu à morte de Estaline (morreram ambos no mesmo dia) não lhe permitiu gozar de maior liberdade criativa neste período.

O facto de Prokofieff não ter optado por linguagens de vanguarda numa fase final da sua carreira não reflecte necessariamente os espartilhos estilísticos impostos naquela altura, já que são vários os traços que ligam a 7.ª Sinfonia a obras como a Sinfonia “Clássica”,

composta em 1917 e anterior às tentativas de controle da criação artística por parte de Estaline. Entre esses traços destacam-se, em especial, os efeitos humorísticos obtidos através da orquestração e a reinvenção, em linguagem contemporânea e com recursos que rondam o *pastiche*, de estilos e formatos associados a épocas anteriores.

O segundo andamento (“Allegretto”), por exemplo, é efectivamente uma valsa, precedida de uma curta introdução orquestral. Prokofieff combina a leveza e o carácter aristocrático desta dança com momentos em que este carácter é posto em causa por opções de orquestração invulgares, nomeadamente através da utilização de instrumentos de sopro de tessitura grave. Mesmo o primeiro andamento (“Moderato”), em que predomina um tom melancólico, patente aliás desde o princípio no tema inicial, exposto pelos instrumentos de sopro (fagotes e trompas) mas partilhado pelas cordas, tem momentos de humor, sobretudo em passagens onde o compositor joga com combinações invulgares de instrumentos agudos e percussão, ou na utilização de instrumentos de corda graves. A exuberância é também um traço característico do último andamento (“Vivace”), em que uma secção inicial com motivos variados em estilo neoclássico alterna com outra em estilo de marcha. Prokofieff compôs dois finais para este andamento: um mais animado, que foi apresentado na estreia, e um mais calmo, que insistiu em manter na partitura como alternativa. O carácter mais calmo e lírico deste final corresponde, aliás, aos momentos de cariz melancólico que distinguem o início do primeiro andamento ou o tom reflexivo do terceiro andamento (“Andante espressivo”), marcado pelo diálogo entre os naipes das cordas e intervenções solísticas de instrumentos de sopro.

HELENA MARINHO, 2010

## Martin André direcção musical

Martin André apresenta-se com igual à-vontade nos teatros de ópera e nas salas de concerto de todo o mundo. É co-fundador e director do Islington Festival of Music and Art, que teve a sua primeira edição em Julho de 2021. Depois de estudar violino e piano na Yehudi Menuhin School, prosseguiu os estudos musicais na Universidade de Cambridge e estreou-se profissionalmente a dirigir *Aida* na Ópera Nacional de Gales, em 1982. Em breve completará 40 anos de carreira a dirigir óperas e concertos em cerca de 30 países diferentes.

Tem um repertório de ópera vasto, mas é particularmente conhecido pelas suas interpretações de Janáček, Verdi e Mozart. É um dos raros maestros que trabalhou com todas as principais companhias de ópera britânicas, dirigindo obras como *Un ballo in maschera* (Royal Opera House), a estreia britânica de *Cornet Christoph Rilke* de Matthus e *The Makropoulos Case* (Glyndebourne Touring Opera). Dirigiu ainda obras de Lehár, Mozart e Janáček (Ópera Escocesa), Prokofieff, e ainda a estreia mundial de *Bakxai* de John Buller na English National Opera. A sua relação especialmente próxima com a Opera North deu origem a novas produções com música de Falla, Gounod, Janáček, Lehár, Martinů, Puccini, Rachmaninoff, Ravel e Verdi.

Em 1986, Martin André começou a dirigir óperas nos palcos internacionais. Estreou-se nos Estados Unidos da América com *Carmen*, na Ópera de Seattle, e dirigiu a primeira audição norte-americana de *Da Casa dos Mortos* de Janáček, na Ópera de Vancouver. Tem trabalhado regularmente em países como Áustria, Canadá, República Checa, Dinamarca, Alemanha, Holanda, Israel, Itália, Nova Zelândia, Portugal, África do Sul e EUA.

O seu repertório sinfónico é também extenso e variado, destacando-se particularmente as obras de Mozart, Nielsen, Chostakovitch e Tchaikovski. Tem desenvolvido relações particularmente duradouras com a Sinfónica de Limburgo (Holanda), a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, o Collegium Musicum Bergen (Noruega) e a Orquestra Clássica da Madeira. Trabalhou com muitas das principais orquestras britânicas e de países como Austrália, Israel, México, Holanda, Noruega e Portugal.

Martin André tem um interesse particular em ajudar a nova geração de músicos, especialmente maestros. Tem uma relação próxima com o Royal College of Music (Londres), onde criou um Programa de Treino de Repertório Orquestral. Em 2006, fundou a orquestra portuguesa de jovens Momentum Perpetuum, que dirigiu durante cinco anos e com a qual fez uma digressão a Itália.

Entre 2010 e 2013, foi director artístico do Teatro Nacional de São Carlos, em Lisboa. Como tal, foi director executivo de duas das maiores instituições musicais portuguesas: a Ópera Nacional e a Orquestra Sinfónica Portuguesa. Além das funções executivas, dirigiu várias produções, entre as quais uma trilogia de *La traviata*, *Il trovatore* e *Rigoletto* para comemorar o bicentenário de Verdi, em 2013. Com a Orquestra Sinfónica Portuguesa, dirigiu a integral das sinfonias de Mozart, além de outras grandes obras sinfónicas e corais de Bruckner, Janáček, Sibelius, Strauss, Tchaikovski e muitos outros.

Mantém uma relação estreita com Portugal, dirigindo frequentemente orquestras no Porto e no Funchal. Toca também piano em grupos de música de câmara.

## Marc Coppey violoncelo

Marc Coppey conquistou uma sólida reputação como solista e pelas parcerias com grandes músicos da actualidade em formações de câmara, além da dedicação à expansão da literatura do instrumento. Ao seu estatuto como um dos mais importantes violoncelistas da actualidade soma-se o crescente reconhecimento internacional enquanto maestro.

Protegido de Yehudi Menuhin e Mstislav Rostropovitch, a sua primeira aparição internacional aconteceu aos 18 anos, ganhando importantes prémios no Concurso Bach de Leipzig (1988). Rapidamente se estreou em Moscovo e Paris ao lado de Menuhin e Victoria Postnikova, uma colaboração documentada em filme por Bruno Monsaingeon. Rostropovitch convidou-o para o Evian Festival e a sua carreira a solo disparou, com solicitações das principais orquestras e maestros. Em 2014, foi nomeado *Officier des Arts et des Lettres* pelo Ministério Francês da Cultura.

A amplitude do repertório de Coppey é a prova da sua curiosidade, estendendo-se desde as partituras mais conhecidas às menos divulgadas. Estreou obras concertantes de Jacques Lenot, Marc Monnet e Eric Tanguy, e fez estreias francesas de Elliott Carter, Mantovani e Erkki-Sven Tüür. Na lista de compositores que lhe dedicaram peças encontram-se L. Auerbach, C. Bertrand, H. Dufourt, F. Durieux, I. Fedele, P. Fénelon, P. Hurel, M. Jarrell, B. Jolas, F. Krawczyk, P. Leroux, F. Meïmoun, B. Pauset, E. Poppe, T. Pécou, M. Reverdy, J. M. Staud e F. Verrières.

Do trabalho recente e futuro, destaque para as apresentações enquanto solista com a Orquestra Filarmónica Kansai, a Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse, a Filarmónica da Radio France, a Filarmónica de

Estrasburgo, a Sinfónica do Porto Casa da Música e a Sinfónica da Rádio Polaca. Na qualidade de maestro, colabora com a Deutsche Kammerakademie e a Real Orquestra de Câmara da Valónia, entre outras, e é director musical dos Solistas de Zagreb desde 2011. Em 2021, foi artista em residência na Casa da Música.

Grava em exclusivo para a Audite classics. Em 2021, foi lançado *Shostakovich: Cello Concertos* (Sinfónica da Rádio Polaca/Lawrence Foster) e, em 2022, *Kodály: Music for Solo Cello e The French Cello* (Orquestra Filarmónica de Estrasburgo/John Nelson). Os três discos receberam críticas excepcionais, colocando-o ao nível dos grandes violoncelistas da história. A sua discografia tem sido premiada com distinções como o Diapason d'Or, o Choc du Monde de la Musique e o *ffff* da revista *Télérama*, entre outros. Gravou para a Accord/Universal, a Aeon/Outhere, a Decca, a Harmonia Mundi, a K617, a Mirare e a Naïve. Os seus recitais foram transmitidos pelos canais Arte e Medici.tv.

É professor no Conservatório Superior de Paris e é regularmente convidado para orientar masterclasses na Europa, Ásia e Américas. Desde 2020, é director artístico da Saline Royale Académie de Arc-et-Senans, um centro francês de arte e educação para a música.

Apaixonado por música de câmara, foi fundador do Quarteto Ysaÿe (1995-2000), é director artístico do Festival Les Musicales de Colmar e colabora regularmente com prestigiados pianistas (Nelson Goerner, Stephen Kovacevich, Kun-Woo Paik e Maria João Pires), instrumentistas de cordas (Ilya Gringolts, Vadim Gluzman, Viktoria Mullova, Alina Pogostikina e Lawrence Power) e com o conceituado flautista Emmanuel Pahud. É parceiro regular do pianista russo Peter Laul.

Toca num violoncelo de Matteo Goffriller (Veneza, 1711), conhecido como “Van Wilgenburg”.



## Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

**Stefan Blunier** maestro titular

**Leopold Hager** maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihau Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomárico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury e Rebecca Saunders, a que se junta em 2023 o compositor e maestro Enno Poppe.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 actuou pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2023, apresenta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Heiner Goebbels, Pedro Amaral, José Maria Sanchez-Verdú, Klaus Ospald e João Caldas. Nesta temporada, destaca-se ainda a interpretação da ópera *Elektra*

de Richard Strauss, da cantata *Carmina Burana* de Carl Orff e de várias obras em estreia nacional — entre as quais *A House of Call. My Imaginary Notebook* de Heiner Goebbels, *Requiem* de Hans Werner Henze, o Concerto para piano e orquestra de Ferruccio Busoni e *Stele* de György Kurtág.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

**Violino I**

Evgeny Makhtin  
Roumiana Badeva  
Evandra Gonçalves  
Maria Kagan  
Andras Burai  
José Despujols  
Alan Guimarães  
Vladimir Grinman  
Vadim Feldblioum  
Margarida Campos\*  
Diogo Coelho\*  
Pedro Carvalho\*  
José Pedro Rocha\*  
Ana Luísa Carvalho\*

**Violino II**

Nancy Frederick  
Tatiana Afanasieva  
José Paulo Jesus  
Catarina Martins  
Mariana Costa  
Domingos Lopes  
Karolina Andrzejczak  
Pedro Rocha  
Paul Almond  
Jorman Hernandez\*  
Joana Machado\*  
Mariana Cabral\*

**Viola**

Pedro Meireles  
Luís Norberto Silva  
Anna Gonera  
Emília Alves  
Biliana Chamlieva  
Hazel Veitch  
Jean-Loup Lecomte  
Francisco Moreira  
Helena Leão\*  
Rita Barreto\*

**Violoncelo**

Vicente Chuaqui  
Feodor Kolpachnikov  
Michal Kiska  
Sharon Kinder  
João Cunha  
Aaron Choi  
Bruno Cardoso  
Ana Sofia Leão\*

**Contrabaixo**

Rui Rodrigues  
Florian Pertzborn  
Nadia Choi  
Tiago Pinto Ribeiro  
Altino Carvalho  
Slawomir Marzec

**Flauta**

Paulo Barros  
Angelina Rodrigues  
Alexander Auer

**Oboé**

Aldo Salvetti  
Sofia Brito\*  
Roberto Henriques

**Clarinete**

Luís Silva  
João Moreira  
Gergely Suto

**Fagote**

Gavin Hill  
Vasily Suprunov  
Cândida Nunes

**Trompa**

Nuno Vaz  
Hugo Carneiro  
Eddy Tauber  
José Bernardo Silva  
Bohdan Sebestik

**Trompete**

Sérgio Pacheco  
Ivan Crespo  
Luís Granjo

**Trombone**

Severo Martinez  
Vicente Cascales\*  
Nuno Martins

**Tuba**

Sérgio Carolino

**Tímpanos**

Jean-François Lézé

**Percussão**

Bruno Costa  
Paulo Oliveira  
Nuno Simões  
André Dias\*

**Harpa**

Ilaria Vivan

**Piano**

Luís Duarte\*

\*instrumentistas convidados

# FAÇA UMA NOVA MELODIA COM O SEU IRS

Consigne 0,5% do seu IRS liquidado à Fundação  
Casa da Música e ajude à criação de novas melodias.



saber mais

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

